

Entrevista com o psicólogo **Lúcio Magano de Oliveira** (CRP 03/02399), coordenador da Comissão de Direitos Humanos do CRP-03 (BA/SE) e consultor da Secretaria de Promoção da Igualdade da Bahia.

1) Como você vê a discriminação racial no Brasil atual? Quais seriam, em sua opinião, as suas origens?

Considero que temos algumas origens da discriminação no Brasil: remontam significativamente ao período do tráfico de povos escravizados do continente africano para nosso país, certamente desenvolvem-se peculiarmente essas origens, uma vez instalada a convivência entre toda a população aqui presente.

Em fins do século XIX, com o surgimento dos primeiros trabalhos considerados representativos de uma embrionária antropologia e sociologia brasileira que tratavam do negro, um novo cabedal de origens, que fortemente influenciaram repertórios preconceituosos que até hoje fazem parte do senso comum e que continuam nos ambientes acadêmicos também.

Não quero dizer, entretanto, que há uma continuidade entre início, meio e fins, ou que estes sejam estanques. Tão importante quanto localizar as origens e seu desenvolvimento é ter em mente que o racismo em nossa sociedade confunde-se e conjuga-se com muitas coisas, principalmente aos aspectos históricos e políticos. Por fim, eu recomendo a leitura do livro "Racismo e Sociedade", do Prof. Carlos Moore. Nesse livro ele faz um excelente apanhado acerca do racismo e do que chama de proto-racismo, que remonta a tempos bem remotos da nossa civilização, passando por diferentes perspectivas científicas. É uma leitura importante e que lança luzes sobre as análises do fenômeno da discriminação racial entre nós.

2) Qual foi a primeira vez que você, enquanto cidadão negro, deparou-se com a questão do racismo? E como psicólogo?

Não saberia lhe dizer bem se foi primeira vez. Estava fazendo compras com minha mãe e lembro de que saía correndo do supermercado. Minha mãe estava mais à frente, aí um funcionário do supermercado interceptou-me e perguntou o que eu estava levando debaixo da minha camisa. Senti-me muito assustado, confuso e logo fiquei triste. Uma criança não sabe que vivemos numa falsa democracia racial. Você internaliza aquilo que vem de fora com tudo de ruim que há naquela experiência e a equação é resolvida solitariamente dentro de você. Tudo isso angustiosamente vago, e a explicação para o sentimento ruim que se carrega costuma não ser encontrada nunca, nem satisfaz.

É notável que a grande maioria das crianças negras sofre várias formas, constrangedoras e violentas, de interpelação racial, desde cedo em suas vidas, e não vão conseguir falar muito bem sobre isso, ou não vão conseguir falar. Há uma interdição sobre isso em nossa sociedade que perpassa o seio familiar, a escola, na rua, e várias instituições que passamos. Por outro lado, crianças brancas estão bem menos expostas a uma interpelação racial. Até mesmo porque estão racialmente invisibilizadas.

Como psicólogo existiram e existem várias situações e elas não vão parar por aqui. Desde o mercado de trabalho até o ambiente acadêmico, nem sempre é muito tranquilo, e de certa forma, também não é muito seguro. Para mim, é importante que faça a divisão desse ônus racista nas oportunidades que tenho com quem eu convivo, por onde passo, na minha profissão, no meu trabalho. Se de fato queremos extinguir essa situação não podemos evitar o desconforto que a discussão sobre discriminação racial causa. Se evitarmos, as possibilidades de superação das desigualdades raciais reduzem em muito.

3) Muitos dizem que, pelo fato de os brasileiros serem "misturados", não há racismo no país. Você acredita que o racismo no Brasil, na verdade, é

“camuflado”? Isso seria um fator positivo ou negativo na luta contra a discriminação?

Vou falar da minha cidade. Moro em Salvador e todos e todas vocês sabem que somos celebrados por sermos um caldeirão de mistura de raças e cores. Talvez aqui no Rio seja a mesma coisa, pois são cidades com semelhanças naquele aspecto. Salvador é uma cidade segregacionalmente integrada. Desde os anos que venho pesquisando sobre relações raciais, e após a minha pesquisa, o que vejo é que a “camuflagem” em Salvador leva ao desenvolvimento de “tecnologias” de preconceito e discriminação racial. Portanto, quando não temos o racismo “aberto”, temos o “camuflado”. Nenhuma das duas formas interessa.

4) Em uma palestra, você falou sobre a impossibilidade de falar em direitos humanos em Salvador sem passar pelo racismo. Mas isso não seria verdade para o restante do Brasil? Por que em Salvador essa questão racial está mais evidente?

Com certeza é verdade para o Brasil. Eu não diria que em Salvador está questão está mais evidente. Mesmo tendo a presença de vários movimentos negros lá, as coisas não são fáceis para tratar. As evidências que vemos a olho nu – as materializações das desigualdades sócio-raciais na maior incidência do desemprego, da violência, da baixa qualidade de vida, de saúde... – são contínuas violações de vários direitos humanos. Porém, percebê-los como violações de direitos humanos não é algo dado e nem sempre são assim capturadas e/ou aceitas pelo nosso raciocínio de democracia racial.

5) Qual você acredita ser o papel da Psicologia frente ao racismo? Como isso passa pelo que você chama de “sofrimento psíquico desnecessário”?

É necessário que a Psicologia brasileira aponte cada vez mais para o reconhecimento do racismo como um problema existente e persistente em nossa sociedade. O sofrimento psíquico desnecessário do racismo foi uma expressão que ouvi do professor e também psicólogo, Marcus Vinícius, e acho que se aplica bem à situação. A perda de um ente querido pela morte é algo que todo mundo vai enfrentar um dia, por fatalidade ou não, mas o racismo atinge um grupo específico, e não por fatalidade – ao contrário do que muitas interpretações episódicas querem sugerir - e ele é desnecessário, pois que ele pode ser evitado. E aí a Psicologia pode dar uma pequena, mas importante contribuição, por exemplo, colocando sua produção de saberes e práticas a serviço do combate ao preconceito e discriminação racial.

Essa contribuição passa por reconhecer, de fato, o racismo como um problema entre nós. A produção acadêmica da Psicologia no Brasil acerca dessa temática ainda é escassa e poderia ser maior. Não tenho conhecimento de nenhum curso de Psicologia na Bahia que contemple esse tema de forma específica em sua grade curricular regular. Como então despertar o interesse de alunos e alunas, como fazer enxergar essa problemática? Temos alguns bons e boas profissionais de Psicologia dedicando-se a isso no Brasil, mas precisamos de mais gente, e, principalmente, cuidar disso já na formação. Também é bom lembrar que o Conselho Federal de Psicologia elaborou a resolução 018/2002, que estabelece normas de atuação para os psicólogos(as) em relação ao preconceito e discriminação racial.

6) Você também falou sobre uma “ideologia do branqueamento”. Você poderia desenvolver um pouco mais essa questão?

Esse é conceito merece uma discussão inteira, portanto vou condensar de uma forma como às vezes aplico para tentar despertar curiosidade, e provocar o saber psicológico. Em seu conjunto de idéias, a ideologia do branqueamento traz consigo o raciocínio de que existe o desejo de branquear por parte das pessoas negras. Porém, aquele raciocínio não nos oferece, facilmente, a constatação de que há códigos por trás daquele desejo de

branquear e que deixa escapar que há um desejo maior de branquear que o da pessoa negra: que é o desejo de branqueamento, um anseio de toda a nação brasileira, mesmo sendo "misturada" como ela é, cheia de tons negros e brancos, mais claros, mais escuros. Isso foi não somente desejado, como ingenuamente planejado em tratados e propostas eugenistas do século XIX e início do século XX. Todas elas erraram e, apesar de muitas mortes, a vida venceu.

Mais uma vez, vemos que muitas vezes é parte de uma ideologia que pretende dominar uma maioria, entrelaçá-la com suas (próprias) idéias, para assim manter sob controle.

7) Quais seriam os primeiros passos para acabar com o racismo no Brasil? Quais você acredita serem os papéis de negros e brancos nesse processo?

Eu começaria mudando um pouco a pergunta e dizendo: quais são os próximos passos para acabar com o racismo no Brasil? Tanto atualmente quanto se recuperarmos a história, vários (as) representantes do Movimento Negro têm alertado para a necessidade do combate ao racismo e à discriminação racial no país. Inclusive, apontando que é importante uma investigação das dimensões subjetivas presentes na manutenção do racismo para o enfrentamento destas questões. No dia 20 de Novembro vocês têm aqui no Rio de Janeiro um feriado municipal que é o Dia da Consciência Negra. Consciência é um termo muito afim à área da Psicologia, mas parece que tem escapado ao olhar dos profissionais de Psicologia o apelo da consciência negra.

Sobra o papel das pessoas brancas nesse processo, eu diria que é importante que reflitam sobre qual papel seu grupo tem na manutenção das desigualdades sócio-raciais. Dessa histórica situação de desigualdade brotaram privilégios. Há privilégios em ser branco / branca em nossa sociedade e não é preciso que solicitar para deles usufruir. Isto está posto na realidade.

Falsamente dizem que um problema do negro no Brasil é que ele não quer assumir-se como negro. Em contrapartida, nenhuma pessoa branca precisa assumir isso e não é por isso questionada. Quantas vezes ao dia e mesmo durante a vida uma pessoa branca é levada a pensar sobre sua cor da pele e/ou é lembrada da sua cor da pele com associações negativas em piadas, no trânsito, etc.? Essa é uma coisa com a qual muitas vezes as pessoas negras gastam um bom tempo da sua vida aprendendo a lidar, e para as pessoas brancas isso não existe. As pessoas negras não têm que aprender a lidar com isso. Isso é ruim. Quem quer assumir ser algo que está anteriormente pré-definido como negativo? São apenas alguns exemplos e poderíamos ir mais longe. Não se trata de acusar uma ou outra pessoa branca, ou de ressentir, muito menos isso é inverter a discriminação, mas que as pessoas brancas reflitam sobre o lugar que elas ocupam na manutenção da desigualdade e saber que o papel do grupo branco também passa por dividir esse ônus.

A construção de si mesmo e do outro são indissociáveis, e a identidade racial branca brasileira é ao mesmo tempo: nublada, costuma afirmar-se numa hegemônica invisibilidade, e por forte oposição ao negro. Há que se questionar sobre a natureza de identidades que se constroem fortemente baseadas na negação do outro, daquilo que se diz não ser.